



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA**

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)

INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)

BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)

MARIA VALÊSCA OLIVEIRA DOS REIS

**UM ESTUDO SOBRE O ASSASSINATO DA TRAVESTI DANDARA DOS SANTOS
EM MATÉRIAS JORNALÍSTICAS DO ESTADO DO CEARÁ**

ACARAPE – CE

2021

MARIA VALÊSCA OLIVEIRA DOS REIS

**UM ESTUDO SOBRE O ASSASSINATO DA TRAVESTI DANDARA DOS SANTOS
EM MATÉRIAS JORNALÍSTICAS DO ESTADO DO CEARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Jon Cavalcante

ACARAPE – CE

2021

MARIA VALÊSCA OLIVEIRA DOS REIS

**UM ESTUDO SOBRE O ASSASSINATO DA TRAVESTI DANDARA DOS SANTOS
EM MATÉRIAS JORNALÍSTICAS DO ESTADO DO CEARÁ**

Projeto de pesquisa como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Interação Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB – Campus do Acarape.

Aprovada em: 14/04/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jon Anderson Machado Cavalcante (Orientador)

Universidade da Interação Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof. Dr. James Ferreira Moura Júnior

Universidade da Interação Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof.^a Dr.^a Lorena Brito da Silva

Centro Universitário Fametro (UNIFAMETRO)

Sumário

INTRODUÇÃO.....	5
OBJETIVOS.....	6
Objetivo Geral	6
Objetivos Específicos	6
JUSTIFICATIVA	7
Motivações Pessoais	7
Relevância Social	9
Relevância Acadêmica da futura pesquisa	11
DISCUSSÃO TEÓRICA.....	13
Dandara Ketlely de Velaskes.....	13
Violência contra a população LGBTQI+	16
Mídia e Violência	19
METODOLOGIA.....	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	24

INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa tem como tema o assassinato da travesti Dandara dos Santos e a mídia. Pretende-se analisar como esse terrível acontecimento, ocorrido em fevereiro de 2017, foi retratado em matérias jornalísticas, de veículos de comunicação do estado do Ceará, divulgadas nos três primeiros meses que acompanharam esse acontecimento.

O projeto também irá abordar sobre a violência sofrida pela comunidade LGBTQI+, que é um dos muitos problemas sociais que precisam ter uma maior e melhor visibilidade nos diversos meios de comunicação, fortalecendo a discussão sobre esse assunto. Visa trazer e pensar os dados sobre as mortes violentas de pessoas LGBTQI+, sobretudo, do Atlas da Violência e dados do Relatório do Grupo Gay da Bahia.

Nesse sentido, o preconceito, a falta de respeito e a intolerância são elementos que têm causado muitas situações de violência e vítimas:

A cada 20 horas um LGBT é barbaramente assassinado ou se suicida vítima da LGBTfobia, o que confirma o Brasil como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Segundo agências internacionais de direitos humanos, matam-se muitíssimo mais homossexuais e transexuais no Brasil do que nos 13 países do Oriente e África onde há pena de morte contra os LGBT. (RELATÓRIO..., 2018, p. 1)

Diante desses dados, acredito ser muito importante a produção de artigos, projetos e pesquisas que discutam e estudem a respeito dessa violência, para podermos entender o porquê, como acontece e como podemos encontrar maneiras de superação desse problema.

Descreverei um pouco sobre a vida de Dandara, como foi a sua infância, sua adolescência, como foi o seu processo de mudança quando se assumiu como travestir e como foi o seu assassinato. A respeito sobre a vida de Dandara tive como referência o livro da autora Vitória Holanda (2019), que era sua amiga de infância.

Também irei abordar sobre a invisibilidade da comunidade LGBTQI+ nas matérias jornalísticas. Pois quando observamos os dados das mortes percebemos que esse número é elevado, mas poucas notícias são exibidas falando a respeito dessa violência.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar como o assassinato da travesti Dandara dos Santos, ocorrido em fevereiro de 2017, foi retratado em matérias jornalísticas divulgadas nos três primeiros meses que acompanharam esse acontecimento.

Objetivos Específicos

- Descrever as narrativas produzidas nessas matérias jornalísticas sobre esse acontecimento;
- Identificar o modo como a Dandara foi retratada nessas narrativas jornalísticas;
- Entender de que modo as violências sofridas por Dandara foram abordadas nessas matérias jornalísticas.

JUSTIFICATIVA

Motivações Pessoais

Quando fiz a minha inscrição para o TCC I, estava no terceiro semestre do curso Bacharelado em Humanidades da UNILAB - CE, mas surgiram algumas dificuldades que me impediram de concluí-lo e, por esse motivo, parei de fazer os estudos para esse componente curricular. Porém, nesse período, defini que iria usar o livro da Hannah Arendt, “Eichmann em Jerusalém”, que fala sobre a banalidade do mal e o utilizaria como base para o meu projeto de pesquisa.

No quarto semestre, continuei com o mesmo pensamento de ter como base o livro Eichmann em Jerusalém. Quando comecei a ser orientada pelo professor Jon Cavalcante, ele sugeriu a ideia de associar a banalidade do mal com algum acontecimento social retratado pela mídia e pediu para que eu pensasse sobre essa proposta e fizesse alguns levantamentos.

Quando estava realizando as pesquisas para pensar o que iria associar à banalidade do mal do livro da Hannah Arendt, deparei-me com o caso da travesti Dandara dos Santos, interessei-me e decidi pesquisar sobre esse acontecimento. O acontecimento vivido por Dandara dos Santos despertou o meu interesse de pesquisar sobre essa temática, por ser algo que teve uma grande repercussão e foi uma morte muito trágica. Quando visualizei os vídeos da violência sofrida por ela, isso mexeu comigo e quis escrever a respeito dela, bem como, também, refletir sobre a violência contra a população LGBTQI+. É triste ver que ainda existem tantas pessoas que praticam a violência contra a vida de alguém por causa da sua orientação sexual.

Logo comuniquei ao meu orientador e comecei a procurar artigos, projetos e textos que tivessem relação com essa temática. Em meio a essa busca, dois estudos me chamaram a atenção, o primeiro foi, “Caso Dandara e o martírio midiático de uma travesti: um estudo comunicacional a partir do programa Profissão Repórter”. O segundo foi, “O caso de Dandara dos Santos: sobre a violência e o corpo dissidente”.

O primeiro estudo me chamou a atenção por abordar como a mídia retrata grupos historicamente excluídos, como por exemplo, a comunidade LGBTQI+, além de dar ênfase a como a morte de Dandara foi retratada em um programa de televisão de rede nacional. Já no segundo o que despertou meu interesse foi o texto ser voltado para a violência contra travestis e transexuais, analisando o contexto e histórico e a realidade brasileira, além de também retratar sobre o que aconteceu com a Dandara.

Assim, no sétimo semestre retomei as pesquisas e a escrita do TCC III, e em uma das reuniões de orientação, surgiu o entendimento de centrarmos mais sobre o caso Dandara dos Santos. Aceitei a ideia, pois, fazendo dessa forma, ficaria uma pesquisa mais delimitada, pelo fato de focar em apenas um tema específico.

Dessa maneira, voltei a realizar novas pesquisas, procurando outros textos diferentes, sobre a Dandara e também a violência contra travestis e a comunidade LGBTQI+. Encontrei textos muito interessantes, e quanto mais pesquisava, mais interessada ficava por essa temática. Alguns textos que encontrei nessa nova busca foram: “Violência contra travestis e transexuais: a mediação da informação no espaço LGBTQI+”; “Acerca da violência contra LGBTQI+ no Brasil: entre reflexões e tendências” e “Gênero e violência: o caso Dandara dos Santos”.

Conforme a realização desses levantamentos e leituras, encontrei vários textos que examinavam a violência e o preconceito sofridos por pessoas pertencentes a população LGBTQI+. Com isso vejo que intolerância é algo que tem tomado a mente das pessoas, e essa intolerância tem feito muitas vítimas. Cada vez mais surgem notícias de atos de violência contra pessoas LGBTQI+, seja violência física ou psicológica.

Podemos observar essa realidade a partir do trabalho do Grupo Gay da Bahia (GGB) que por décadas registra informações sobre mortes violentas do segmento LGBTQI+ no Brasil. Sobre esse aspecto, os seguintes dados são bastante expressivos, “Em 2019, 329 LGBT+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) tiveram morte violenta no Brasil, vítimas da homotransfobia: 297 homicídios (90,3%) e 32 suicídios (9,7%)” (RELATÓRIO..., 2019, p. 12). Por fim, talvez, possa parecer um pouco contraditório estar escrevendo um projeto de pesquisa sobre algo que vai retratar a população LGBTQI+, pois sou evangélica desde os meus oito anos de idade, sempre fui muito envolvida com as atividades da igreja, cresci sendo ensinada a viver segundo os princípios cristãos e um dos meus livros preferidos é a Bíblia Sagrada. Mas diante desse cenário nunca deixei minha mente se fechar e nem me encaixei rigidamente no mundo da religiosidade.

As pessoas que fazem parte da religião evangélica sempre são vistas como alguém preconceituosa e intolerante, mas eu não quero ser vista dessa forma. É por isso que entre tantos temas eu escolhi pesquisar sobre essa temática.

Todos devem ter o direito de fazer suas escolhas, sejam elas quais forem, sendo em relação a que curso quer cursar, se vai se casar ou não, ter filhos ou não, ou se sua escolha é em relação a como irão vivenciar a sua orientação sexual. Na teoria, somos livres pra escolher como viver a nossa vida, mas na prática, as nossas escolhas e caminhos sofrem os efeitos do modo em como os outros nos enxergam e nos tratam.

Tudo o que eu vivi na igreja, as minhas experiências com Deus e as minhas leituras bíblicas me fizeram perceber que existem muitos grupos que não são enxergados como deveriam, como por exemplo, a comunidades LGBTQI+ e a população negra. Ao invés de perceberem que esses grupos precisam de acolhimento, fazem o contrário, tratando com desprezo e marginalizando essas pessoas.

Quantos filhos que se assumiram LGBTQI+ foram expulsos de suas casas e tiveram que ir dormir na rua? E além disso, sofrem com o preconceito de suas famílias e da sociedade. Diante dessa situação, penso que o papel da igreja deveria ser amar todas as pessoas, cuidar dos pobres e acolher os oprimidos.

Acredito que, independente de qual seja a nossa religião, cor ou orientação sexual sempre temos que respeitar uns aos outros. A Bíblia (Mateus, 22:34) conta que certa vez um fariseu perguntou a Jesus qual era o maior mandamento da Lei de Moisés e Jesus respondeu: “Ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de toda a sua mente. Este é o primeiro e o maior mandamento. O segundo é igualmente importante: Ame o seu próximo como a si mesmo.” Jesus é a minha maior inspiração e se ele pediu para que amemos a todos, a única coisa que eu posso fazer é amar, amar a todos.

Relevância Social

Nos dias atuais, percebemos que existe um grande consumo de informação, as pessoas estão cada vez mais conectadas. Para Balboni:

A sociedade da informação é hoje uma realidade inquestionável para uma parcela significativa da população. Invasão de todas as esferas da vida cotidiana, as novas tecnologias da informação estão presentes nos escritórios, supermercados, escolas, nas ruas, nas casas. Mesmo sem perceber, nos deparamos com ela quando vamos ao banco, ao assistir televisão, falamos ao telefone e até mesmo quando escolhemos nas urnas nossos representantes (BALBONI, 2007, p. 1)

As tecnologias da informação estão presentes em muitos lugares e há uma quantidade significativa de pessoas com algum grau de acesso a elas. Dentro desse cenário, existem também aqueles que não têm acesso a esses dispositivos ou a internet e os que têm acesso, mas de uma forma instável, com baixa qualidade.

Assim, diante desse contexto marcado por essas tecnologias, pela disseminação da informação e pela presença das mídias, é que este trabalho tem como objetivo geral “Analisar

como o assassinato da travesti Dandara dos Santos, ocorrido em fevereiro de 2017, foi retratado em matérias jornalísticas divulgadas nos três primeiros meses que acompanharam esse acontecimento”, pois houve uma grande repercussão na mídia televisiva, e vários programas jornalísticos do estado do Ceará, noticiaram o assassinato de Dandara.

Dessa forma, quero identificar o modo como Dandara foi retratada nas narrativas jornalísticas e descrever os relatos produzidos nessas matérias jornalísticas. Assim, analisar essas narrativas têm um papel muito importante, pois para entendermos um acontecimento social de grande repercussão precisamos observar também os discursos que o ordenam, que caracterizam esse episódio para, dessa forma, compreendermos a visibilidade dada a ele e ao assunto abordado.

A narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, as identidades, as crenças, valores e mitos, etc.) em relatos. A partir dos enunciados narrativos somos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico. É assim que compreendemos a maioria das coisas do mundo. (MOTTA, 2005, p.2)

Desse modo, é de suma importância a existência de trabalhos acadêmicos que retratem assuntos e realidades que não tem muita visibilidade na sociedade, cuja invisibilidade é parte de seu processo de opressão. Nesse sentido, a violência contra a população LGBTQI+, seja qual for o tipo de violência sendo ela simbólica, física ou verbal, é um assunto que precisa ser mais abordado.

Em nossa sociedade, precisa-se de mais pessoas que estejam dispostas a se opor contra o preconceito, a discriminação e a violência com o seu senso crítico usando o poder da escrita, como em artigos e trabalhos acadêmicos e também, não acadêmicos, para fortalecer a visibilidade de grupos que estão continuamente expostos a situações de violência.

Infelizmente, a intolerância e o preconceito tem aumentado cada vez mais, apesar de não vermos com frequência nos noticiários dos grandes jornais televisivos, notícias sobre assassinatos ou agressões físicas contra pessoas da comunidade LGBTQI+, mas mesmo diante dessa situação existem muitos casos de violência. Como vemos na citação abaixo:

A cada 26 horas um LGBT+ é assassinado ou se suicida vítima da LGBTfobia, o que confirma o Brasil como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Segundo agências internacionais de direitos humanos, matam-se muitíssimo mais homossexuais e transexuais no Brasil do que nos 13 países do Oriente e África onde persiste a pena de morte contra tal seguimento. Mais

da metade dos LGBT assassinados no mundo ocorrem no Brasil (WAREHAM apud RELATÓRIO GRUPO GAY DA BAHIA, 2019, p. 13).

A partir desses dados, percebe-se a relevância social dessa temática presente neste projeto de pesquisa.

Relevância Acadêmica da futura pesquisa

O ato de pesquisar é algo muito importante, pois quando se pesquisa faz-se novas descobertas. O que seria de nós se não fossem os/as pesquisadores/as? Muitas coisas iriam deixar de existir se não houvesse instituições educacionais e políticas públicas voltadas para o fomento da pesquisa. E a curiosidade é um dos combustíveis que impulsiona essa fome pelo saber de um/a pesquisador/a. Já conseguimos descobrir muitas coisas e cada descoberta tem a sua importância, cada pesquisa ajuda a decifrar as circunstâncias que nos rodeiam e é por isso que não podemos parar de pesquisar.

O curso Bacharelado em Humanidades da UNILAB é uma grande ferramenta para despertar esse interesse pela pesquisa. O curso, de acordo com o seu Projeto Pedagógico Curricular de 2019, busca a formação de profissionais para atuar e refletir criticamente diante dos problemas que estão em toda parte em nossa sociedade. Mas, além de identificar esses problemas, é necessário também ser capaz de saber detectar esses problemas, ter um olhar diferenciado sobre as situações que estão ao nosso redor. Nesse sentido:

O curso Bacharelado em Humanidades objetiva formar profissionais tanto capazes de pensar e de agir frente aos problemas da sociedade quanto aptos a se tornarem, dentro do contexto sociocultural do qual estão imersos, agentes de produção e difusão do saber social; ou seja, sujeitos habilitados para o exercício da pesquisa e de demais atividades inerentes ao ofício do bacharel em Humanidades. (PPC BHU, 2016, p. 17)

Dessa forma, o currículo do curso Bacharelado em Humanidades é muito rico em saberes que contribuem com a nossa formação, fazendo com que sejamos capazes de olhar para determinadas situações do nosso cotidiano e delas fazermos questionamentos. Em minha trajetória no curso, fiz a disciplina Educação, Gênero e Sexualidade nos Países da Integração, que é do curso da Pedagogia, e nessa disciplina estudamos sobre vários assuntos que abordavam a temática sobre gênero e sexualidade. Não podíamos deixar de mencionar essa disciplina pois vamos falar da morte de uma travesti. Infelizmente, o preconceito é algo que nos cega e tem impedido muitas pessoas de olhar para uma travesti e enxergar um ser humano igual a qualquer

outro. Essa disciplina abriu os meus olhos e despertou em mim um interesse maior de pesquisar sobre esse assunto.

A terminalidade que pretendo ingressar quando concluir o Bacharelado em Humanidades é a Pedagogia e esse trabalho, como indiquei, também traz alguma relevância para esse curso. Por isso, será abordado o tema da diversidade através do assunto da violência e do preconceito contra a população LGBTQI+. A diversidade é algo que está presente em muitos lugares, principalmente na sala de aula onde existe a diversidade étnico racial, de gênero e religiosa.

O presente trabalho também contribui para o campo da comunicação e educação, pois fala sobre as narrativas jornalísticas e tem como um dos objetivos identificar o modo como a travesti Dandara foi retratada nessas narrativas. Assim traz uma reflexão da importância de sabermos observar como atos de violência contra grupos não visibilizados são retratados na mídia. E existe algo em que temos que tomar muito cuidado na atualidade que são as Fake News, notícias falsas sobre diversos assuntos, que são disseminadas pelas redes de comunicação. Muitas pessoas são enganadas por notícias falsas que todos os dias são introduzidas na internet. Assim, é preciso mostrar aos alunos/as, independente do ensino que eles estejam cursando, o que é jornalismo ou não, e como se identifica a notícia verídica.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Dandara Ketlely de Velaskes

Vitória Holanda, em seu livro *O casulo Dandara* (2019), narra alguns fatos sobre a vida da Dandara e de como foi a sua convivência com ela. Para sua pesquisa a metodologia utilizada para escrever o seu livro foi a partir de suas memórias. Através desse livro podemos conhecer um pouco sobre a vida de Dandara, como foi sua infância e adolescência, como ela assumiu a identidade de travesti e como aconteceu a sua morte.

Essa pesquisadora foi uma grande amiga de Dandara, e, através do seu livro, narrou como foram as suas experiências conjuntas e delas podemos tirar grandes aprendizados sobre a tolerância, pois para Vitória Holanda:

Escrever sobre Dandara e sua vida talvez não convença algumas pessoas as quais acham que ser travesti é uma doença, que é falta de vergonha ou simplesmente acreditam que “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”. Entretanto, é uma forma de mostrar que ser travesti na vida dela não foi uma escolha de criança influenciada na escola ou na mídia. (HOLANDA, 2019, p.9)

Muitas pessoas conheceram o que aconteceu com a Dandara através da mídia por reportagens ou algum vídeo no YouTube, mas, com o estudo dessa autora, além de sabermos como aconteceu a sua morte brutal, também podemos ter a oportunidade de conhecer a sua vida, e saber que ela era um ser que, entre tantas características, transmitia muita alegria.

Dona Antônia, mãe de Dandara e de mais oito filhos, trabalhou como zeladora até a sua aposentadoria na escola UV9. Seu Alceu era o pai, trabalhava como açougueiro e tinha um pequeno comércio em casa. Mas o seu pai separou-se de sua mãe (HOLANDA, 2019).

Em meio a tantas brincadeira, fui percebendo que Dandara era muito talentosa para esportes e brincadeiras, mas havia algo que era tipicamente dela, o bom humor. Gritava com todos quando ela ganhava e saía correndo, e nessa época imitava Macunaíma (personagem de um filme de Grande Otelo na década de 70), ela pulava de uma ponta a outra, todos bolavam de rir. O mais curioso é que mesmo em meio à inocência, já percebíamos que ela era “diferente” (HOLANDA, 2019, p. 15)

Nesta citação acima podemos perceber que Dandara era uma criança talentosa, de bom humor, que se dava bem com as pessoas com o seu jeito alegre e que conhecia um dos romances

modernistas da literatura brasileira. Segundo Vitoria Holanda mesmo Dandara ainda sendo uma criança, para a época ela já era diferente.

Quando chegou sua adolescência, também chegou um período de aceitação, onde ocorreram muitas mudanças, não apenas na mentalidade mas no exterior também.

Foi nas saídas para o Pinheiro e o Polo de lazer que Dandara começou a se soltar. Já ficava latente que ela não era mais o garoto que jogava bola na quadra do UV9. Seu vocabulário já tinha um linguajar peculiar de meninos “gays” da época. Suas roupas passaram a ter um estilo próprio, porém nada parecido ao dos meninos. Ela usava calça vermelha, baby look, passava descolorante no corpo para ficar com pelos loiros e seu andar tinha sua marca registrada, reconhecíamos aquele andar à distância. (HOLANDA, 2019, p. 36)

Dandara teve uma juventude muito animada, saía pra muitos lugares com a sua turma de amigos, iam para shows e viagens. Ela era uma jovem que onde passava se destacava por sua alegria contagiosa, era sempre muito prestativa nunca dizia não quando lhe pediam um favor (HOLANDA, 2019).

Registrada ao nascer como Antônio Cleilson Ferreira Vasconcelos, nascida no ano de 1972. Mas ao completar 18 anos, nasceu, plenamente, Dandara, todas as suas experiências, vivências e escolhas a moldaram lhe transformando em quem ela viria a ser, uma grande lutadora, que enfrentaria muitos obstáculos. Ela estava assumindo quem ela era, aceitando a sua identidade de gênero e sua sexualidade.

Aos 18 anos ela tirou o bigode. Uma vez que, para ela, isso era algo que a identificava como alguém do sexo masculino. Achava que, ao atingir a maior idade, tinha domínio de sua identidade de gênero. Assim, naquele dia, morria o menino de cabelos cacheados e jogador de futsal (HOLANDA, 2019, p. 49).

Apesar de já ter a sua orientação sexual afirmada perante pessoas mais próximas, como familiares e amigos, Dandara não teve coragem de assumir publicamente. Ela era cuidadosa em relação ao seu comportamento, às vezes fazia algumas brincadeiras e piadas, mas sempre dentro daquilo que ela considerava ser o seu limite (HOLANDA, 2019). Assim podemos perceber que Dandara vivia em meio a uma sociedade preconceituosa, onde ela tinha que ser cuidadosa em como se comportar e além disso não teve coragem de se assumir abertamente para todos.

A mãe de Dandara, dona Antônia, não tinha preconceito em relação à orientação sexual da sua filha, mas temia por ela, pois não queria que a sua filha e nenhum dos outros sofressem com rejeições por causa do seu jeito de ser. Essas preocupações de sua mãe, somavam-se ao fato de Dandara ter outras irmãs homossexuais (HOLANDA, 2019).

Sua mãe não estava errada por sentir medo por seus filhos, pois apesar de terem muitas pessoas que não se importam com a orientação sexual ou com a sexualidade do outros, porém existem muitas pessoas preconceituosas, intolerantes e que não respeitam a escolha dos outros ou modo como vivem. Dandara e seus irmãos sentiram isso na pele em relação ao seu pai.

A homossexualidade trazia conflitos, dúvidas e questionamentos. Dandara era uma adolescente cheia de sonhos e já provava as dores de ter assumido ser gay no seio de sua família. Seu pai abandonou sua família e deixou seus nove filhos para sua mãe criar sozinha. Era um homem com educação rígida e conservadora, que não conseguia tolerar a orientação sexual de suas filhas. Ser gay não trazia apenas flores. Ser alegre e diferente não a tornava apenas querida. Mas, trouxe rejeições também. (HOLANDA, 2019, p. 53)

Com o passar do tempo, Dandara conheceu a prostituição através de pessoas próximas e, a partir disso, ela passou a vivenciar a prostituição, seus programas eram feitos geralmente com turistas gringos que passavam as férias em Fortaleza, mas também com mulheres que queriam experienciar algo fora do casamento. Diante disso, ela passou por outra mudança, “Dandara deixou novamente o bigode e a barba crescerem, pois queria ficar com aparência masculina, já que sua profissão estava dando lucro” (HOLANDA, 2019, p. 65).

Posteriormente, Dandara passou por outra transformação visual, dessa vez ela estava aceitando de vez a sua “travestilidade”, assim, começou a mudar o seu corpo injetando hormônios, para se aproximar de uma aparência mais feminina (HOLANDA, 2019).

Dandara infelizmente passou por situações onde sentiu em sua pele a violência e o preconceito. Certa noite em que Dandara saiu para trabalhar, avistou um carro com quatro rapazes dentro, ela se ofereceu para o programa e disse o seu valor, entrou no carro e os rapazes saíram em alta velocidade, dirigiram até uma rua deserta e lá a espancaram.

Os rapazes desceram Dandara do carro puxando em seus cabelos e já começaram a espanca-la com muito ódio. Ela era espancada com chutes e socos. Ela caiu no chão e gritou alto, pedindo que eles não fizessem aquilo com ela. Chamou por socorro, mesmo sabendo que não seria ouvida por ninguém. (HOLANDA, 2019, p. 89)

Dandara passou por muitas experiências como prostituta e uma delas gerou uma péssima consequência em sua vida. Ela adoeceu e com o tempo foi ficando muito debilitada. Um dia sua mãe resolveu leva-la ao médico, fizeram alguns exames nela e o médico informou que Dandara estava com o vírus do HIV. Ela ficou pensando nas noites de programas, até que se lembrou de algo:

Dandara refletiu, pensou, lembrou de coisas na sua trajetória na prostituição. Lembrou da hepatite que tivera em São Paulo, lembrou das vezes que usou droga, de quando teve relação sem camisinha, mas um fato a fez ser transportada para a Av. Beira Mar, no ano de 2001. Ela lembrou de um italiano que ela julgava estar apaixonado por ela, aquele eu lhe pagava mil reais para que tivessem relações sexuais sem preservativo. Dandara confiava nele, em sua cabeça, ele parecia ter algum sentimento por ela, mas logo se lembrou da importância dada a ele por uma noite de sexo sem camisinha (HOLANDA, 2019, p. 103)

Diante dessa notícia, Dandara adotou uma nova rotina, havia abandonado a prostituição e começou a fazer faxina pelo bairro onde morava e as vezes cozinhava quando necessário. (HOLANDA, 2019)

No dia 15 de fevereiro de 2017, Dandara foi para a casa de sua amiga Vitória Holanda pela manhã, juntas tomaram café da manhã. Mais tarde naquele mesmo dia Dandara se encontrou com um homem chamado Eritan que a levou para o Conjunto Palmares onde começaram a lhe espancar. Ela foi agredida verbalmente e fisicamente. “Entre as agressões, foi possível visualizar mais de quinze pancadas, dentre elas, três pontapés no rosto, três golpes de madeira no ombro, uma na barriga e uma paulada na cabeça.” (HOLANDA, 2019, p. 125)

Com todas essas agressões, ainda a colocaram em um carro de mão e a levaram para outro local onde executaram a sua vida, ela levou dois tiros e ainda esmagaram a sua cabeça jogando uma grande pedra. Ela foi morta no Bairro Bom Jardim, em um conjunto habitacional chamado Conjunto Palmares. (HOLANDA, 2019)

Dandara sofreu muitas violências, não apenas física, mas moral também. Mas ainda passou por outra violência, pois gravaram o momento do seu espancamento e colocaram o vídeo na internet. Isto pode ser visto como violência pelo fato de parecer que ela merecia ser vista por todos naquelas condições sendo espancada e humilhada.

Diante de tantas violências é importante analisar as matérias jornalísticas para percebermos como Dandara foi retratada, vermos de que forma o fato de ela ser travesti influencia em como ela é retratada.

Violência contra a população LGBTQI+

Infelizmente o preconceito é algo que tem estado muito presente em nossa sociedade. Segundo Gomes, Reis e Kurashige (2013), o preconceito é um breve conceito sem nenhum

aprofundamento em qualquer que seja o assunto. Muitas pessoas são preconceituosas sobre vários assuntos, como por exemplo, quando se referem a população LGBTQI+.

A população LGBTQI+ não é tão visibilizada como deveria e não vemos com frequência matérias jornalísticas sobre essa população, mas quando aparecem notícias em algum programa jornalístico geralmente está associada a algum tipo de violência contra as pessoas que pertencem a população LGBTQI+.

Essa violência não é gerada do dia para a noite, mas começa com o preconceito que gera estereótipos sobre qualquer pessoa que seja Gay, Lésbica, Bissexual, Travesti, Transexual, Queer ou Intersexual. Dessa forma esses estereótipos passam a ideia de inferioridade, como se todo aquele (a) que pertence a população LGBTQI+ fosse inferior simplesmente por causa da sua orientação sexual.

Com isso pode-se dizer que essa violência gerada pelo preconceito pode ser chamada de homofobia. A homofobia é uma aversão as pessoas que se relacionam com alguém do mesmo sexo e essa aversão se transforma em agressão física, sexual, verbal ou moral.

A homofobia/lesbofobia é uma das manifestações da fobia que se manifesta quando tomamos as diferenças de orientação sexual entre as pessoas como fonte de preconceito e de discriminação e até de agressão física, verbal, sexual ou moral, caracterizando-se por toda a ordem de violência física, psicológica e simbólica cometida contra quem vivencia relação afetivo-sexual com indivíduos do mesmo sexo. (GOMES; REIS; KURASHIGE, 2013, p. 32)

A violência contra a população LGBTQI+ vem crescendo cada vez mais, com o decorrer dos anos o número de casos de assassinatos apenas cresce e isso é muito preocupante. Mas podemos notar que há uma certa negligência em relação a falta de visibilidade desses crimes, pois não vemos com frequência matérias jornalísticas que abordam esse assunto.

No ano de 2018 houve 57.956 homicídios no Brasil, que corresponde a 27,8 mortes por 100 mil habitantes. Esse é o menor nível em quatro anos. Essa diminuição da taxa de homicídios ocorreu em todas as regiões, com maior intensidade no Nordeste. (ATLAS..., 2020)

No Atlas da Violência (2019) fala que a violência contra a população LGBTQI+ tem se agravado bastante nos últimos anos, mas existem algumas questões que dificultam a produção de dados e estatísticas, uma delas é a invisibilidade do problema da violência e não saber o tamanho da população LGBTQI+, pois o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) não faz nenhum tipo de pergunta a respeito da orientação sexual nas suas pesquisas à domicílio. O infográfico do Atlas da Violência (2019) mostra que dos anos de 2016 e 2017 o número de denúncias cresceu 127%, era 85 e subiu para 193. (ATLAS..., 2019)

O Grupo Gay da Bahia (GGB) é uma organização não governamental que se preocupa com a defesa dos direitos da população LGBTQI+ e faz um ótimo trabalho coletando dados sobre a violência contra a população LGBTQI+. No Relatório do Grupo Gay da Bahia (2018) afirma que um LGBT+ morre a cada 20 horas de uma forma violenta por causa da LGBTfobia, isso faz do Brasil o campeão mundial de crimes contra a população LGBTQI+.

A cada 20 horas um LGBT é barbaramente assassinado ou se suicida vítima da LGBTfobia, o que confirma o Brasil como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Segundo agências internacionais de direitos humanos, matam-se muitíssimo mais homossexuais e transexuais no Brasil do que nos 13 países do Oriente e África onde há pena de morte contra os LGBT. (RELATÓRIO..., 2018, p. 1)

Diante de todos esses dados que foram abordados pode-se perceber que a violência contra a população LGBTQI+ é um assunto que é preciso ser falado, discutido e pensado. Pois muitas pessoas sofrem esse tipo de violência e por não acontecer conosco acabamos não pensando a respeito disso. Mas quantos gays, lésbicas, travestis ou transexuais sentem medo de chegar até a esquina do seu próprio bairro por temer ser agredida (o).

Dessa forma podemos notar o quanto a população LGBTQI+ é negligenciada por falta de políticas públicas que visam proteger e criar ações que possam conscientizar a sociedade a respeito do preconceito e as suas consequências.

No Relatório do Grupo Gay da Bahia (2019), afirma que, no ano de 2019 houve uma redução das mortes violentas de LGBT+.

Comparativamente aos anos anteriores, observou-se em 2019 surpreendente redução das mortes violentas de LGBT+. O ano recorde foi 2017, com 445 mortes, seguido em 2018 com 420 e agora 329 mortes em 2019, registrando-se, portanto, uma diminuição de 26% face a 2017 e 22% em relação a 2018. (RELATÓRIO..., 2019, p. 12)

Apesar de ter tido uma diminuição nas mortes de LGBT+, o número ainda é alto, pois com 329 mortes em 2019, é quase que uma morte por dia. E isso é algo muito preocupante. O GGB (2019), fez o levantamento de homicídios e suicídios de LGBT+ mostrando a porcentagem de cada região do Brasil, o Nordeste é a região com a porcentagem mais alta:

Em 2019, o levantamento de homicídios e suicídios de LGBT+ efetuados pelo GGB identificou casos em todas as 27 Unidades da Federação, num total de 329 mortes, com maior recorrência para as regiões Nordeste (35,56%), Sudeste (29,79%) e Norte (17,02%), ou seja, a soma das três regiões chega a

82,37%. Enquanto, o Sul e Centro-Oeste do país apresenta taxa inferior a 10%. (RELATÓRIO..., 2019, p. 40)

Mesmo que no ano de 2019 ocorreu uma redução nas mortes violentas da população LGBT+, ainda é um problema que precisa ser criado ações para que possa haver uma conscientização a respeito das violências contra a população LGBTQI+.

Dandara foi uma vítima da violência contra a população LGBTQI+, teve uma morte muito bruta. Assim como muitos outros (as) pertencentes a essa classe, que tiveram a sua vida tirada brutalmente por causa da sua orientação sexual.

Mídia e Violência

Como foi visto no tópico acima sobre a violência contra a população LGBTQI+, essa violência é real e assustadora, pois muitas pessoas tem suas vidas tiradas por causa da sua orientação sexual. O preconceito, intolerância e a falta de respeito tem feito muitas vítimas.

Essa falta de respeito não acontece somente através dos casos de violências contra pessoas LGBTQI+, mas também ocorre através da mídia em seus textos jornalísticos por não respeitarem as identidades de gênero.

Aplicando isso às questões de gênero, por meio de levantamento feito através de um dossiê de notícias pela Rede Trans Brasil no ano de 2016, contatou-se que em 78% dos textos jornalísticos a imprensa desrespeita a identidade de gênero das (na maior parte dos casos) vítimas. Há, em destaque, a problemática dos posicionamentos políticos de cada veículo de comunicação, o que muitas vezes reforça a reprodução de preconceitos por receio de dificultar o entendimento de seus(uas) espectadores(as). (GOMES; ARAÚJO; ARRAIS, 2017, p. 10)

É muito importante que a identidade de gênero das vítimas sejam respeitadas, tanto nos textos jornalísticos como nas narrativas das matérias jornalísticas televisivas.

Mas além de não respeitarem a identidade de gênero das vítimas, percebe-se que existem poucas matérias jornalísticas sobre a violência sofrida contra a população LGBTQI+. E isso mostra um paradoxo, pois quando olhamos os dados da violência contra as pessoas LGBTQI+, vemos que ela existe e é em alto nível. Mas essa falta de visibilidade também pode ser considerada como uma violência. “O apagamento de práticas de violência contra indivíduos que se identificam com a comunidade LGBT, ou das suas demandas em um veículo de comunicação, acaba sendo um segundo tipo de violência.” (ASSIS, 2017, p. 3)

Esse apagamento é um problema que ocorre diariamente, e que entra nas casas de muitas pessoas por meio de jornais locais, ao invés disso, esses jornais deveriam estar incentivando o respeito mútuo e a diminuição do preconceito, e não negligenciando a visibilidade das violências sofridas pelo grupo LGBTQI+. (ASSIS, 2017)

A falta de visibilidade que a comunidade LGBTQI+ vivencia em relação de terem poucas notícias que mostram a violência, o preconceito e a intolerância que esse grupo sofre constantemente, evidencia uma violência simbólica.

Portanto, tal diagnóstico de silenciamento das informações relativas aos crimes de homofobia, e ao universo LGBT como um todo, evidencia uma violência simbólica tão perigosa quanto a efetivação física da mesma. Ao silenciar uma demanda, um grupo, uma voz que necessita ser ouvida para ser respeitada, para ter seus direitos garantidos, para obter uma equidade legal, o jornalismo está praticando um tipo de violência. (ASSIS, 2017, p. 6)

Além de haver uma invisibilidade a respeito da população LGBTQI+, quando exibem alguma notícia sobre esse grupo, geralmente está associada a algum tipo de violência, como por exemplo as pessoas trans.

Como as informações circulam rápido e alcançam muitas pessoas é muito importante ter cuidado em como essas notícias estão chegando para os espectadores, por a importância de não repassar estereótipos e preconceitos sobre qualquer grupo.

A maioria das notícias que envolvem pessoas trans está associada a algum tipo de violência – quando não, sua imagem frágil e marginalizada remete a escândalos (como a polêmica com o jogador Ronaldo Fenômeno). Posto que a comunicação é essencial ao desenvolvimento humano e a imprensa moderna apresenta-se através de rádio, TV, jornais e internet, exercendo um controle quase hegemônico sobre tudo o que deve ser visto, ouvido ou lido, é preciso muita cautela no que tange à repercussão que tais informações podem causar. Com a facilidade de transmissão, qualquer assunto tem capacidade de obter grandes dimensões. (GOMES; ARAÚJO; ARRAIS, 2017, p. 10)

Dandara dos Santos, uma travestir, também foi vítima da violência. Ela foi agredida brutalmente e executada com dois tiros, mas essa não foi a única violência que ela sofreu. Gravaram o seu espancamento, colocaram o vídeo na internet e viralizou. O vídeo mostra Dandara sendo agredida fisicamente, verbalmente e moralmente.

A exposição do vídeo na internet também foi uma violência sofrida por Dandara, pois estava em uma situação de vulnerabilidade e sendo desrespeitada de diversas formas, assim ela ficou exposta para aqueles (as) que tivesse acesso ao seu vídeo poderem ver a sua situação.

Portanto a violência contra a população LGBTQI+ é um problema social que precisa da criação de ações de políticas públicas para o seu enfrentamento. É preciso dar mais visibilidade não somente na questão de mostrar notícias a respeito da violência que essa população sofre. Mas mostrar notícias que desconstrua os estereótipos que foi construído ao longo dos anos.

METODOLOGIA

O presente projeto trata-se de uma pesquisa qualitativa. Em uma pesquisa qualitativa a busca por dados leva o pesquisador (a) a caminhar por diversos caminhos, utilizando uma variedade de procedimentos e instrumentos para a constituição e análise de dados. Os instrumentos geralmente são: entrevistas, questionários, observação, grupos focais e análise documental (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015).

Este projeto de pesquisa tem como delineamento a pesquisa documental. Mas o que é uma pesquisa documental? Esse tipo de pesquisa permite o pesquisador se aprofundar no assunto pesquisado através dos conteúdos contidos nos documentos. Existem diversos tipos de documentos, como por exemplo, entrevistas, vídeos, matérias jornalísticas e vários outros. Assim, utiliza-se documentos que não passaram por um tratamento analítico, que não foram analisados ou sistematizados (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015)

Mas primeiro é importante entender o que é um documento, ele é um produto de uma sociedade, não é apenas produções isentas ou ingênuas, mas trazem leituras das diversas sociedades e interpretações do vivido (SILVA; DAMACENO; MARTINS; SOBRAL; FARIAS, 2009).

No estudo de determinada problemática a pesquisa documental permite a sua investigação de uma forma indireta, com os estudos dos documentos (SILVA; DAMACENO; MARTINS; SOBRAL; FARIAS, 2009). Os documentos são as fontes onde o pesquisador (a) irá buscar compreender determinado tema.

A pesquisa documental baseia-se em duas fases, a primeira é a coleta de dados e a segunda é a análise do conteúdo. A coleta de dados é muito importante, pois o pesquisador (a) precisa tomar alguns cuidados acerca da garimpagem das fontes. A fase da análise precisa ser feita com cautela para alcançar bons resultados do material analisado (SILVA; DAMACENO; MARTINS; SOBRAL; FARIAS, 2009).

Este trabalho é uma pesquisa documental porquê irá analisar matérias jornalísticas como matérias escritas online e vídeos de jornais que passaram na TV do Estado do Ceará sobre o assassinato de Dandara dos Santos, ocorrido em fevereiro de 2017, divulgadas nos três primeiros meses que acompanharam esse acontecimento.

A primeira parte a ser feita será a identificação dos documentos, fazendo uma busca sobre as matérias jornalísticas do Ceará sobre a morte de Dandara que foram divulgadas nos meses de março, abril e maio de 2017. Essa busca é muito importante, pois através dela será encontrado os documentos que podem ser vídeos ou textos escritos.

A segunda parte será a análise desses documentos, onde primeiro serão descritas as narrativas produzidas nessas matérias jornalísticas sobre esse acontecimento. Ao descrever essas narrativas tomarei o cuidado de descrevê-las do mesmo modo como elas são, sem fazer alterações. E a descrição das narrativas é muito importante, pois através dela poderá ser percebido se existem estereótipos nas falas ou nos textos. Assim, poderemos perceber as linguagens utilizadas nessas matérias, bem como seus contextos de produção.

Em segundo irei identificar o modo como a Dandara foi retratada nessas narrativas jornalísticas, observando que atributos foram relacionados a ela, que lugares sociais vividos ou não por ela foram destacados, se ela foi desrespeitada por ser uma travesti, se ela foi associada a algum estereótipo.

E por último entender de que modo as violências sofridas por Dandara foram abordadas nas matérias jornalísticas. Ela não sofreu apenas a violência no momento do seu espancamento, mas ao terem gravado o momento do espancamento, os xingamentos, a humilhação, depois divulgaram o vídeo na internet, isso também foi uma violência contra Dandara. Perceber que violências foram destacadas é uma forma de observar naturalizações e banalizações existentes nesse processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Ingrid Pereira de. **Jornalismo e Preconceito: um diagnóstico do silenciamento das demandas do universo LGBT na escolha das notícias.** Seminários Internacional Fazendo Gênero. Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1493485340_ARQUIVO_fazeindoogenero_ingridassis.pdf. Acesso em 05 Abr. 2021.

BALBONI, Mariana Reis. **Por detrás da inclusão digital.** Uma reflexão sobre o consumo e a produção de informação em centros públicos de acesso à Internet no Brasil. São Paulo, 2007. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-10102007-120815/publico/tesedoutorado_MarianaBalboni.pdf. Acesso em 13 Nov. 2020.

GOMES, Ana Maria; REIS, Aparecido Francisco dos; KURASHIGE, Keith Diego. **A VIOLÊNCIA E O PRECONCEITO: as formas da agressão contra a população LGBT em Mato Grosso do Sul.** Cadernos Espaço Feminino, Uberlândia-MG, v. 26, n. 2, 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/24661>. Acesso em 06 jan. 2020.

GOMES, Karyne Lane Alves; ARAÚJO, Walisson Angélico de; ARRAIS, Joubert de Albuquerque. **Caso Dandara e o martírio de uma travesti: um estudo comunicacional a partir do programa Profissão Repórter.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Fortaleza (CE), 2017. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-0718-1.pdf>. Acesso em 04 Abr. 2021.

HOLANDA, Vitória. O casulo Dandara. Fortaleza, Ed: CeNE, 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da violência.** [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/>. Acesso em 15 jan. 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da violência.** [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/>. Acesso em 22 mar. 2021.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. **Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização.** Revista de investimentos UNAD Bogotá. Colômbia, 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/322589335.pdf>. Acesso em 06 Abr. 2021.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística.** [s. n.]. [S. l.]. [2000?] Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>. Acesso em 16 nov. 2019.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO. Acarape (CE), 2019. Disponível em: <http://unilab.edu.br/cursos-de-graduacao/humanas/>. Acesso em 21 Jan. 2020.

RELATÓRIO GRUPO GAY DA BAHIA. Salvador (BA). 2018. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/>. Acesso em 15 jan. 2020.

RELATÓRIO GRUPO GAY DA BAHIA. Salvador (BA). 2019. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/>. Acesso em 26 mar. 2021.

SILVA, Lidiane Rodrigues Campêlo da; DAMACENO, Ana Daniella; MARTINS, Maria da Conceição Rodrigues; SOBRAL, Karine Martins; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. **Pesquisa documental:** Alternativa investigativa na formação docente. IX Congresso Nacional de Educação. [S. l.], 2009. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/cd2009/pdf/3124_1712.pdf. Acesso em 02 Abr. 2021.